

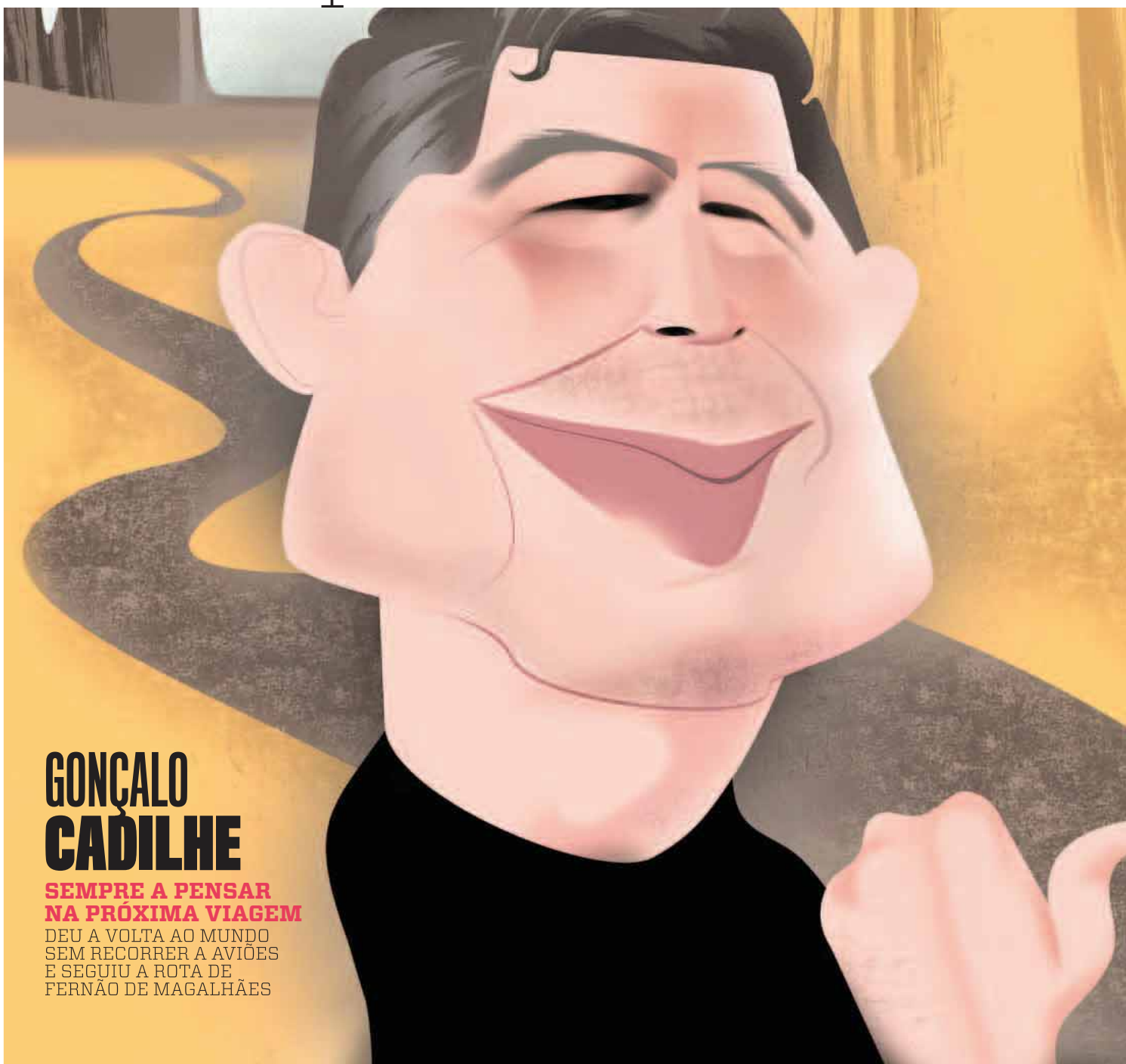


Outono 2011 Trimestral €1

 Montepio

montepio

número
03
série II



GONÇALO CADILHE

**SEMPRE A PENSAR
NA PRÓXIMA VIAGEM**

DEU A VOLTA AO MUNDO
SEM RECORRER A AVIÕES
E SEGUIU A ROTA DE
FERNÃO DE MAGALHÃES

À VOLTA DO MUNDO

“Eterno viajante”

UMA ENTREVISTA FEITA DE UM VIAJANTE/
JORNALISTA PARA OUTRO LEVA-NOS A
PERCORRER O MUNDO DE GONÇALO CADILHE.
DESTA VEZ NÃO PELA ESTRADA,
MAS PELAS PALAVRAS

POR TIAGO SALAZAR
FOTOGRAFIA ESTÚDIO JOÃO CUPERTINO

Escritor, documentarista, guia e cronista são os ofícios de Gonçalo Cadilhe, embora viajante de longo curso chegasse para o bilhete de identidade. À boleia dos milhares de quilómetros percorridos em mais de duas décadas de viagem (a maioria por estrada) nasceram projetos como o *best-seller* *Planisfério Pessoal*, o mais recente livro *Encontros Marcados* ou a reconstituição ambiciosa da *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*.

Na partida para uma longa viagem como é que se lida com o afastamento dos que se ama, com a malfadada “saudade”?

Não há receitas mágicas para lidar com a saudade e com todas as variáveis que a condicionam. Uma dessas variáveis é a relação distância-tempo: sentem-se mais saudades quando se está 15 dias na Nova Zelândia (o lugar mais longe de Portugal) ou quando se está afastado dois meses, nos Açores? Outra variável é a concentração que colocamos no que andamos a fazer. Nesse sentido, partir para uma viagem sem grandes objetivos, só mesmo o de viajar, é bem diferente de partir com uma série de compromissos profissionais que, por sua vez, se ligam a interesses pessoais bem trabalhados e ocupam a atenção 24 horas por dia. Depois, a própria idade e a maturidade, essa forma de paciência para com o que o destino proporciona, que tem sempre coisas boas e coisas más – o afastamento é uma delas e as dores nas costas, devido ao peso da mochila, é outra (risos). Tento seguir essa atitude pragmática de decidir que, se estou longe, mais vale desfrutar o que ando a viver e deixar as saudades para o regresso (risos). Por vezes é fácil. Outras vezes, pura quimera.

É um viajante solitário ou acha que a viagem só se completa a dois?

Não tenho uma posição predeterminada sobre o que sou como viajante. Viajei muito sozinho, embora cada viagem de autocarro, cada visita às ruínas ou ao museu nos ponha em contacto com outros viajantes que, durante uns dias, se tornarão, ou não, companheiros de estrada.

Dou-me bem comigo, não me aborreço sozinho. Uma das experiências mais gratificantes da minha “carreira” foi a travessia do Pacífico nos cargueiros – uma situação em que o passageiro não tem contacto com os tripulantes, que estão a trabalhar por turnos ou a dormir. Assim, lá ia sozinho a olhar o mar durante horas seguidas, com os livros, a guitarra, a escrita. Ultimamente, em virtude dos documentários que tenho feito para a RTP2, tenho viajado com um operador de câmara. Quem sabe o que reserva o futuro quanto a companhias em viagem?

A vida trouxe uma longa viagem. Seria igualmente feliz a viajar como Fernando Pessoa, apenas dentro de um quarto? Certamente as últimas viagens passarão por aí, sentado num quarto a passear pelo Mundo com a memória de tudo o que ficou para trás.

Sente-se, de alguma maneira, legítimo herdeiro dos velhos cronistas do Reino?

Deus me livre, era o pior que podia acontecer-me, carregar com um peso e uma prisão dessas aos ombros. Por um lado, os cronistas eram obrigados a enaltecer o Reino e os seus reinantes, eram totalmente parciais e, como sabe, o melhor de viajar é aprender a relativizar os dogmas que nos são inculcados na infância sobre a própria pátria; por outro lado, creio que perderia a liberdade de ir para, e escrever sobre, lugares que não tivessem absolutamente nada a ver com Portugal, sem ligação ao Reino e às gestas do Rei. **A Lua continua a poder esperar?**

Essa coisa da Lua foi uma reação a um comentário que me fizeram e se inspirava na ideia “só lhe falta ir à Lua”. Claro que me falta ir a imensos lugares, e não creio que jamais deixe de faltar, porque me é completamente indiferente essa atitude de colecionar carimbos no passaporte e contar os países que estão vistos ou visitados. Penso, sinceramente, que é muito provável que jamais venha a conhecer, por exemplo, as Seychelles ou o Dubai ou o Chade, simplesmente porque não me interessa lá ir. Nesse sentido, quer a Lua, quer o Dubai, podem esperar “sentados” por mim (risos).

A decisão da viagem inaugural, o tiro de partida, está contada (NR. Trata-se do projeto de dar a volta ao Mundo sem recorrer a transporte aéreo, a viagem que tornou Gonçalo Cadilhe conhecido do grande público. Uma história contada durante 19 meses, semana após semana, no semanário *Expresso*). Interessa, agora, saber as emoções do primeiro dia, o ir sem regresso marcado.

Já passaram quase 10 anos desde esse tiro de partida (arranquei em dezembro de 2002) e o que recordo bem era o meu pavor de não escrever ao nível do jornal *Expresso*, tinha medo de ser dispensado ao fim de 4 meses, tipo, “olhe, termine com isso que não está a despertar interesse”. Felizmente aconteceu o contrário, a ponto de uma viagem que devia ter demorado 8 meses acabar por demorar 19 e, no regresso, já ter uma editora, a Oficina do Livro, pronta para arrancar com a compilação das crónicas do *Expresso*, que deu origem ao livro *Planisfério Pessoal*.

+1

E quanto a ser viajante galáctico?

Nunca fui muito dado à ficção científica. Creio que mesmo em criança já era pragmático e orientava os sonhos para horizontes concretizáveis. Tinha o sonho de África, das selvas do Tarzan, dos espaços por civilizar. Acho que esse sonho se consumou no tempo dos escuteiros, nos acampamentos e nas caminhadas noturnas pelas matas nacionais.



O Planisfério Pessoal foi sendo construído ou foi decidindo por onde ir à medida das bifurcações do caminho?

O grande obstáculo da recusa em utilizar voos era, claro está, a travessia dos oceanos. Recorri a cargueiros para o fazer, mas é cada vez mais raro encontrar uma companhia que aceite passageiros e as que o fazem declaram logo que a mercadoria é a prioridade, ou seja, eventuais mudanças de programa por motivos de logística estão na ordem do dia. Assim, eu ia atravessando os continentes em direção ao porto de embarque acordado, era o princípio orientador do meu itinerário. Quando cheguei a Nova Iorque, vindo da Europa, em janeiro de 2003, sabia que tinha um cargueiro no Chile que rumaria à Austrália em junho. Quando cheguei ao Peru, em maio, avisaram-me que a viagem tinha sido cancelada e que havia outro navio disponível no Panamá, em setembro, para a Nova Zelândia. Lá tive que dar meia volta. Eram estas as condicionantes ou, usando a expressão da pergunta, as “bifurcações” do projeto.

Partilha o sentimento de que são os países que nos atravessam e não nós a eles?

(risos) Depende dos países. Há aqueles que não só não nos atravessam, como o que queremos é atravessá-los o mais depressa possível. Uma vez, no Zimbábue, fui detido pela polícia secreta com a acusação de que era espião e andava a tirar fotografias a lugares-chave da defesa nacional.

Seria uma pessoa pior (ou menos completa) se nunca tivesse viajado?

Creio que essa observação lida muito com as expectativas, os sonhos que temos quando vivemos esse período de formação que hoje domina o consumo no planeta: a “infame” adolescência. Pela minha índole, seria bastante revoltado se não tivesse viajado nem cumprido este destino de escrever sobre viagens. Esteve presente nos sonhos da minha adolescência.

Portugal alargou o leque de interesses culturais de forma a incluir o setor “viagens” nas bancas e nas livrarias e tive a sorte de “apanhar esse comboio”.

LEMBRANÇAS

Os lugares (e momentos) eleitos...

... que, de certa forma, definem a razão pela qual Gonçalo Cadilhe viaja tanto.

● **OS RAIOS DE SOL** da madrugada a darem a cor do fogo às agulhas das Torres del Paine, na Patagónia.

● **UM COPO DE VINHO** branco e um prato de azeitonas pretas saboreados sentado num dos socalcos por cima das Cinque Terre, ao fim da tarde.

● **O BAFO QUENTE** dos trópicos quando desembarco em qualquer aeroporto do Sudeste Asiático, acabadinho de chegar do inverno europeu.

● **A CANÇÃO** *Mariposa Traicionera* “aos berros” nos autocarros da América Central, que é o próprio símbolo de todos os ritmos da latitudade.

● **UMA SOPA DE LENTILHAS** num refúgio com vista sobre os Himalaias, depois de um dia a caminhar pelos trilhos do Nepal.

● **O REGRESSO** a casa, à Figueira da Foz, às falésias do cabo Mondego, ao mar da minha infância.

O que podia fazê-lo parar de viajar por uns tempos, a paternidade?

Bom, uma coisa que, com toda a certeza, me faria parar por uns tempos seria o desejo de fazê-lo. O que esta vida tem de bom – não a vida de viajante, mas a de *freelancer* criativo – é podermos funcionar por impulsos, sintonias, interesses. Não temos um emprego “obrigatório” para viajar, temos que nos sentir



"Devo ter

pisado uns noventa países e faltam-me poucos para terminar a minha lista de interesses, nomeadamente aquela meia dúzia de nações do Médio Oriente e da Ásia Central, como a Síria e o Uzbequistão."

bem com o projeto que abraçamos para que ele resulte. Nesse sentido, se achar que o meu cérebro, a minha inspiração, precisa de parar, é isso que me fará parar. Quanto à paternidade, bom, só ela, a paternidade, poderia responder se me faz parar ou não de viajar por uns tempos – mas creio que seria o contrário: a responsabilidade de um pai que dedicou o melhor de si e da sua vida a viajar seria a de mostrar ao filho, partilhar com ele, o que tem a viagem de tão importante, de tão envolvente, de tão... supremo.

Anota os países ou conta países?

Não, de facto não anoto. Devo ter pisado uns noventa países e faltam-me poucos para terminar a minha



lista de interesses, nomeadamente aquela meia dúzia de nações do Médio Oriente e da Ásia Central, como a Síria e o Uzbequistão. Depois, não vejo um destino que me interesse muito mais. Ando sempre impaciente, isso sim, para regressar aos mesmos lugares, rever amigos, comparar mudanças, apreciar o que já conheço e que sei que merece tempo. O meu percurso é feito de regressos e reencontros.

Há o país ou o lugar da vida (como o amor da vida) ou isso é coisa rara de sentir “tão rara como um homem evolir-se pelos ares”?

Há, sim. E nesse assunto (já que compara com o amor) teria que me consi-

derar um viajante bastante polígamo, quanto a destinos, claro... (risos). Mantendo a analogia com o amor, e porque o senso comum diz que o primeiro nunca mais se esquece, os países que escolho são os primeiros que visitei: Itália, quando tinha apenas 3 anos, ao colo dos meus pais; os Açores, aos 18 anos, onde já fui por conta própria, com o meu dinheiro, e onde aprendi a escrever sobre uma viagem; a África do Sul, aos 22, onde aprendi que viajar sozinho é abrímo-nos ao Mundo; e o México, aos 23, que resultou na minha primeira viagem publicada (na revista *Grande Reportagem*), logo, o início da vida que levo hoje. Ainda hoje, estes quatro destinos figuram em qualquer

lista dos meus destinos preferidos (a par com outros, claro: a Indonésia, o Peru, a Nova Zelândia...)

Os livros também incentivaram à viagem? O Gulliver, Júlio Verne, Ballantyne, Twain...

Não tenho ideia de terem sido os livros, mas os seus autores. Gostava sempre de ler a biografia dos autores nas contracapas e ficava espantado com as vidas que tinham levado antes de terem sucesso literário. Falo de Edgar Rice Burroughs, o criador de Tarzan, o primeiro herói de quem li tudo, por volta dos 9 anos; depois Hemingway, Jack London, Steinbeck, Hugo Pratt. A mensagem que recolhia era de que os escritores dos quais eu gostava sabiam escrever porque primeiro souberam viajar. Se calhar só agora, observando no que me tornei, é que reparo nesse facto.

Com uma obra já significativa há hipótese de ser lido daqui a 50 anos, na melhor das hipóteses?

Não creio que seja lido daqui a 50 anos. Só se o tal apocalipse civilizacional, tão caro ao Michael Moore, se verificar – e for totalmente impossível viajar em 2060 como se viajava na viragem do milénio – é que os meus livros terão qualquer utilidade e deleite para um leitor. Claro que posso sempre mudar e passar a escrever romances de amor. Talvez tenha mais hipóteses (risos).

O romance ou a ficção em geral não são tentadores?

Parece-me um pouco utópico, um pouco irrealista, conseguir trazer um livro novo à literatura. Quando penso em algo, ideias, temas... parece-me que já foi tudo feito ou, por outras palavras, o que gostaria de fazer já outros o fizeram antes. Não digo que no setor da literatura de viagens não se verifique a mesma coisa, mas pelo menos o que vou publicando sai-me naturalmente. Deixa-me com a sensação apaziguante de que é um trabalho genuíno.

E o que é essencial levar em viagem?

Uma boa ideia, um tema, um projeto que dê sentido ao que vou fazer. Raramente viajo pelo simples prazer de estar em viagem, já não me chega enquanto estímulo. Preciso de algo mais forte, como este itinerário intermitente que tenho andado a fazer pelos lugares da *Peregrinação*, primeiro para o documentário na RTP2 e agora para um livro sobre Fernão Mendes Pinto.